

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 954	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Annuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	950	120	30 DE JUNHO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



SS. AA. O PRINCIPE LEOPOLDO DE HOHENZOLLERN
E PRINCESA D. ANTONIA, INFANTA DE PORTUGAL

(Photographia de Gebr. Taeschler)

Chronica Occidental

Seria o mundo feliz, se da paz podre em que vivendo estamos, seguisse o exemplo? Talvez sim e talvez não. E' caso ha muito debatido se deixar correr o marfim e esperar que as coisas por si se arranjem vale mais do que metter-se a gente em

revoluções, que são muita vez camisa de onze varas.

Por aqui nada de novo; depois de tantas ameaças, nunca vimos maior socego na politica portugueza. Até os jornaos de mais acerrima opposição devaneiam o seu bocado, veraneando por varios assumptos, como é proprio do tempo que vae correndo.

E' que não ha maneira facil de aquecer os animos, equilibrando-os com a temperatura d'estes ultimos dias de junho. O calor veio quasi de repente e prostrou as melhores vontades. O que apetece é a bella sombra das arvores e a rede

brasileira baloiçando mansamente uns sonhos muito mansos.

Para os jornaes só um olhar muito distraído se lhes lança de quando em vez e, no meio d'um bocejo, diz-se preguiçosamente: — «Ora vamos lá ver o que ha de Marrocos ou que noticias havemos da paz».

E umas e outras noticias são felizmente de satisfazer. Toca a espreguiçar e a dormir mais um bocado.

Lisboa começa a ter o aspecto d'uma pacata aldeia, e assim a teremos até agosto, quando as camaras novamente abrirem. Então pode ser que as discussões se animem, ainda que sejam muito menores os grupos formados em volta dos oradores de esquina.

Até lá, uma ou outra nota de sport ou ainda algum bocadinho de interesse pelas novas peças representadas no theatro livre distrahirão a população da capital e farão luzir em seguida o meio olhinho que se abriu, e que logo outra vez se poz a olhar para dentro.

Quem quizer um nadinha de animação outro remedio não tem senão safar-se d'aqui se for elegante, corrigindo o seu rheumatico com aguas e *cotillons*, se não o for, contentando-se em acompanhar algum cyrio ou frequentando os arraiacs dos arredores.

A exposição hippica na Tapada da Ajuda, que ainda atrahiu bastante concorrência, já acabou, depois de executados com bastante brilho alguns numeros do seu programma. O tempo, que por muito mau, nos primeiros dias a prejudicou, ajudou-a nos dias mais proximos do seu encerramento.

O ar livre é que é preciso agora; por isso foi muito bella a toirada em favor da assistencia aos tuberculosos e tem sido concorridissima a kermesse que se tem realisado no Passeio da Estrella, tambem com um fim de caridade.

Os dias santos passaram-se alegremente, e é o que melhor se pode d'elles exigir.

Alegremente para aquelles a quem foi. Nem todos poderão dizer o mesmo. N'uma das mais respeitaveis familias de Lisboa entrou o luto o d'estes dias, e, porque era muito querido de muitos o seu chefe agora fallecido, foi de muitos a dôr produzida por sua morte.

Em sua vivenda em Algés, onde ha tempos estava doente, mas sem inspirar maiores cuidados, falleceu inesperadamente o sr. Polycarpo Anjos, que era um dos mais acreditados commerciantes da nossa praça e, ao mesmo tempo, um cavalheiro distinctissimo, occupando um alto logar na sociedade portugueza.

De seu espirito educado e de seu character muito nobre deu provas em muitas occasiões, e muitos lhe deveram gratidão. Na Assistencia Nacional aos Tuberculosos, na Associação Commercial de Lisboa, no Instituto de Soccorros a Naufragos, na Sociedade de Geographia, desempenhou cargos elevados e prestou assignalados serviços.

Festas que deu em sua casa na Avenida ficaram para todos memoraveis, porque tinham um especialissimo cunho d'arte.

Deixou na sociedade, em que tão perfeitamente soube desempenhar o cargo que lhe competia, um vacuo que difficilmente será preenchido.

Dias antes morrera-lhe uma neta, filha da sr.ª Condessa de S. Lourenço. E fallámos nós de alegria ha pouco! E emquanto por essa Lisboa estalavam os fogos de artificio e as musicas tocavam e os balões illuminados corriam pelo céu sereno, um pobre coração quebrava-se de dôr, chorando uma encantadora criancinha, enlevo dos

seus, e só se distrahir do soffrimento horrível para dar seu quinhão de lagrimas á morte d'um pae modelo!

Anda o mundo em seu giro e constantemente nos apresenta contrastes assim. Vamos entrando na velhice e ainda os nossos olhos se espantam do que vão vendo. Anda o mundo em seu giro e ha de trazer a todos uma hora de consolação.

De contrastes é a vida da humanidade; de contrastes é a vida do homem. Uma mesma alma que horas diferentes a foram envelhecendo! E' esta a esperança dos que soffrem e o terror dos que são felizes.

Ninguém sabe, porém, quando essas horas hão de mudar, por muito que ellas dêem trabalho a toda a gente, por muito que os mais previdentes queiram, ansiosos, adeantar ou atrazar os relógios.

Os que vivem na noite polar anseiam pelos primeiros raios da aurora. Quantos morrem nas trevas e no frio!

Olhem esses desgraçados russos, que só porque mostram um anseio por um bocadinho de luz, continuam sendo espingardeados e são pisados pelos patas brutaes dos cavallos dos cossacos. Quando chegará para elles a hora almejada d'um bocadinho de liberdade?

De quando em quando, uma esperança illumina fracamente o céu negro; depois, contam-se mais uns mortos, e até mulheres e crianças, e continuam gemidos a ouvir-se entre o estrondo do temporal a uivar pela noite.

Só uma boa noticia de lá nos veio, de tão longe: o final despronunciamento do escriptor Gorli. Essa é positiva. As outras, tantas vezes nos foram mentiras, que só accordam desconfiança.

Fala-se de armistícios, mas a guerra continúa; a paz é por enquanto um calculo de probabilidades.

E assim passarão mais uns mezes ainda, e os russos continuarão morrendo ás centenas, e os japonezes, entre as esplendida festas da sua victoria, irão tambem carregando seu luto.

Vae o mundo sempre girando; horas boas hão de voltar. Felizmente estamos cá muito longe, e o egoismo humano dá-nos licença para descarnarmos os olhos em mais atrahentes espectáculos. O verão tambem tem seus encantos e até na placidez de Lisboa ha logar para deixar a fantasia ir vivendo por mais lindas regiões que as da Manchuria estrumada pelos cadaveres.

Se os assumptos escasseiam n'este momento, já nos podemos distrahir calculando o que o inverno nos poderá trazer de novidade.

Só os theatros com a entrada do Brazão para D. Maria e a classificação de Lucilia Simões, que afinal se deixou ficar em D. Amelia, nos daria assumpto, á falta d'outro, para completarmos o linguado em dívida para estas duas columnas de obrigação.

Os artistas dramaticos portuguezes andam quasi todos viajando e de muitos nos teem chegado optimas noticias, sobretudo de Affonso Taveira, magnificamente recebido com a sua companhia no Rio de Janeiro.

Angela Pinto anda pelas ilhas; para a provincia parte qualquer dia d'estes a Adelina Abranches. Outros já andam por lá. E assim o verão se vae passando, o verão assustador para os artistas portuguezes, com as épocas theatraes em Lisboa cada vez mais curtas.

E ainda ha quem fale em augmentar em Lisboa o numero de theatros! Pela nosa parte cremos que — não fosse a perda material — melhor sorte não poderiam ter os empresarios e artistas theatraes do que um bom incendio que devorasse uma, duas ou tres casas de espectáculos. Então se formariam companhias mais completas e o publico chegaria para todos. Assim a lucta é muito mais difficil e feita em geral com maus elementos, apenas fornecidos pelo acaso.

O actor Joaquim Costa foi nomeado pelo governo gerente do theatro de D. Maria, depois da publicação d'uma carta do actor Luiz Pinto desistindo de tal cargo por motivos que expoz. Desejamos ao novo gerente todas as felicidades; mas o cargo é dos taes que devem sempre dar muitos maus quartos d'hora. E' Joaquim Costa um actor comico excellente. Se como sabe representar, sonber desempenhar-se da gerencia acaba de vez os enguiços das entradas com o pé esquerdo. E' o que sinceramente lhe desejamos por elle e por todos os que em Portugal — bem poucos infelizmente — se interessam pelo theatro.

JOÃO DA CAMARA.

S. A. O PRINCIPE LEOPOLDO DE HOHENZOLLERN SIGMARINGEM

No dia 8 do corrente um telegramma trouxe a noticia da morte de S. A. o Principe de Hohenzollern Sigmaringem Leopoldo Etienne Carlos Antonio Gustavo Eduardo Tassilou, general de infantaria prussiana, que por duplos laços de parentesco se liga á familia real portugueza, principiando pela união de D. Pedro V com a princesa D. Estephania, sua irmã, e estreitados pelo seu casamento como a infanta portugueza D. Antonia filha de D. Maria II, sendo, portanto, tio por afinidade, de El-Rei D. Carlos.

Nasceu o principe Leopoldo de Hohenzollern a 22 de setembro de 1835, filho primogenito do principe outr'ora reinante de Hohenzollern Sigmaringem, principado da Prussia e hoje incorporado na Allemanha unida e cuja dynastia actual é um ramo da familia Hohenzollern, elevada em 1701 á cathogoria real na pessoa de Frederico I, Conde de Hohenzollern, burgrave de Nuremberg e eleitor de Brandeburgo.

Casou o principe Leopoldo com a infanta D. Antonia, em Lisboa, na Capella Real das Necessidades no dia 12 de setembro de 1861 e no dia 18 do mesmo mez partiu para o seu paiz a bordo da corveta *Bartholomeu Dias*, do commando do infante D. Luiz, depois Rei.

Foi este casamento motivo de grandes festas em Lisboa, aparte a grande pena com que o povo portuguez viu partir a sua infanta, na sorridente primavera dos seus pouco mais de 16 annos, linda e perfumada das virtudes que mais realçam a formosura.

Seu noivo era um gentleman, sympathico, de boa presença, embora mais velho 10 annos.

Do seu casamento nasceram tres filhos: o principe Guilherme, herdeiro, nascido no Castello de Beuruth a 7 de março de 1864, que é hoje commandante do 2º regimento da guarda imperial, casado com a princesa D. Maria Thereza de Bourbon; o principe Fernando que nasceu a 24 de agosto de 1865 e é o actual rei da Romania por motivo da renuncia de seu irmão mais velho; e o principe Carlos, que nasceu a 1 de setembro de 1868, e que é major addido ao estado maior prussiano e ao presente enviado ao exercito japonês, em missão de estudo das operações da guerra Russo-japoneza.

Ao principe Leopoldo foi offerecido o throno de Hespanha em 1870 o que levantou o grave conflicto entre a Allemanha e a França dando em resultado a guerra entre as duas nações, não obstante elle ter resignado voluntariamente a corôa que lhe offereciam.

S. A. o Principe Leopoldo esteve de visita em Lisboa com sua augusta esposa, em abril de 1887, o que foi motivo de grande alegria para os portuguezes, por verem a sua infanta, para aquelles que a conheciam do berço e se lembravam d'ella com saudade.

O retrato que publicamos do principe Leopoldo é o que melhor podemos obter e está em grupo com sua augusta esposa, pelo que se pôde avallar que era um par bem igual, e em que bem se observa quão formosa é ainda a unica filha que resta de D. Maria II, hoje envolta nos crepes da viuvez.

Os funeraes do principe Leopoldo verificaram-se no dia 16 em Sigmaringem, com a maior solemnidade, contando-se entre os altos personagens que a elles assistiram e se encorporaram no funebre acompanhamento, o Imperador Guilherme II, os Reis da Romania, duques de Vendome, condes de Flandres, etc. S. A. o Senhor Infante D. Affonso tambem assistiu ao funeral como representante de S. M. El-Rei D. Carlos.

O governo portuguez fez-se representar pelo nosso ministro em Berlim sr. Visconde de Pindella.

A Exposição Hyppica na Tapada da Ajuda

Com a presença da familia real foi inaugurada no dia 8 d'este mez a exposição hyppica, na qual se apresentaram magnificos exemplares de raças cavallares, creadas e apuradas por creadores nacionaes, e que chamou a attenção publica, muito principalmente dos interessados n'este ramo de industria e dos amadores.

No estrangeiro e, especialmente em Inglaterra e na França, estes certamens são da maior importancia, preoccupando-se os creadores com o apuramento de raças e d'ahi deriva importante ramo de commercio.

Em Portugal, quasi se principia agora com estas exposições, sendo comtudo já muito lsongeiros

os resultados, como se pôde julgar pela seguinte lista dos premios conferidos pelo jury, o qual foi presidido pelo general sr. Damasceno Rosado.

O diploma de alta menção honrosa, á Coudelaria Nacional; — premios para garanhões: medalha de ouro e 300.000 réis, ao cavallo *Romboso*, pertencente ao sr. Alfredo de Andrade; — medalha de prata e 150.000 réis, ao cavallo *Valoroso*, da coudelaria do sr. Palha Blanco; medalhas de cobre, sem premio pecuniario, ao cavallo *Cartojano*, da coudelaria do sr. Palha Blanco, e ao burro *Tamagno*, pertencente ao sr. Alfredo de Andrade; — para as eguas de criação, apoldradas: medalha de ouro e 100.000 réis, á egua *Lavadeira*, pertencente ao sr. Palha Blanco; medalha de prata e 50.000 réis, á egua *Rosa*, pertencente aos herdeiros do sr. conde da Atalaya; medalha de cobre, sem premio pecuniario, á egua *Alina*, do sr. Alfredo de Andrade, e á egua *Maravilha*, do sr. Palha Blanco; — para cavallo de cella não destinado a reproducção, medalha de prata, sem premio pecuniario, ao *Mainito*, pertencente ao sr. José Joaquim Gonçalves, de Elvas.

Para cavallos com praça no exercito: medalha de cobre aos do capitão sr. Arthur Xavier Pessoa e alferes sr. Antonio França Pinto de Oliveira, da guarda municipal de Lisboa, e ao do alferes sr. Luiz Cardoso de Macedo e Menezes, da guarda municipal do Porto; — para os grupos: ao de eguas apoldradas, medalha de ouro e 200.000 réis ao sr. Palha Blanco; medalha de prata e 100.000 réis ao sr. Alfredo de Andrade; e medalhas de cobre, sem premio pecuniario, aos herdeiros do sr. conde da Atalaya e á Companhia das Lezirias; — para as eguas de criação, não apoldradas, medalha de prata e 50.000 réis á Companhia das Lezirias; — para os poldros ou poldras de 2 annos completos, ou quatro annos incompletos, medalha de prata e 100.000 réis ao sr. Palha Blanco; e medalhas de cobre sem premio pecuniario á Companhia das Lezirias, ao sr. Roberto Reynolds, aos herdeiros do sr. conde da Atalaya e ao sr. marquez de Castello Melhor; menções honrosas: ao cavallo *Dragão*, da Companhia das Lezirias, á egua *Pimenta*, do sr. Roberto Raphael Reynolds, aos cavallos *Horizonte*, *Impagavel* e *Relampago*, do sr. João Reynolds; ao *Mascote I*, do sr. marquez de Castello Melhor; á egua *Sada Yacco*, da sr.ª D. Sophia de Andrade Bastos; ao regimento de artilharia 1, por tres muares, expostos nos termos do art. 156.º do Regulamento de remonta; ao grupo de artilharia a cavallo, por um muar e á guarda municipal de Lisboa por um cavallo exposto nos termos do mesmo regulamento.

A distribuição d'estes premios foi feita por S. M. El-Rei D. Carlos no dia 23 do corrente, na tribuna real, onde acompanharam El-Rei os srs. tenente-coronel Duval Telles, capitão-tenente Moreira de Sá, ajudante de Campo e official ás ordens de Sua Majestade, ministros da guerra e das obras publicas, generaes Rosado e conde de Bomfim.

Terminada a entrega dos premios Sua Magestade El-Rei D. Carlos assignou o auto de encerramento da exposição, realisando-se em seguida o desfile dos exemplares premiados.

No dia 17 havia tido logar as corridas de saltos e o jogo da rosa a que concorreram os srs. Ruy da Camara, alferes Almeida, Jorge Bleck, Castro Pereira, Jorge de Castro Pereira, Mousinho d'Albuquerque, tenente Alvaro de Mendonça, tenente Latino, alferes Callado, alferes Campos, alferes Barbosa de Magalhães, alferes Nazareth, tenente Reis e alferes Brito.

Estas corridas despertaram grande interesse no publico que ali concorreu, enchendo o recinto que lhe era destinado, sobreshahindo as senhoras, que são sempre a animação das festas, e recebendo os cavalleiros entusiasticos applausos.

ASYLO OFFICINA SANTO ANTONIO DE LISBOA

(Concluido do n.º 153)

Um dos mais zelosos e dedicados administradores, Jeronymo Augusto de Carvalho, estabeleceu a *Bola de Nere*; mais uma fonte de receita para o asylo, assim como tambem teem sido fontes de receita — o pão de Santo Antonio e os bazares, estabelecidos nos dias de suas festas.

Encheria largas paginas se aqui pretendessemos escrever todos os actos de benemerencia em favor d'esta casa modelo.

Citaremos apenas o legado de Antonio Carmo Dias, bastando transcrever as palavras do seu testamento.

Asylo Officina Santo Antonio de Lisboa

«Deixo a quantia de dois contos de réis em dinheiro para a formação de 20 dotes de 100.000 réis cada um, destinados a outras tantas asylos do Asylo de Santo Antonio estabelecido no Bairro Andrade d'esta cidade.

Esta quantia deverá ser entregue á direcção do mesmo asylo que distribuirá os dotes ás primeiras raparigas, que depois d'essa entrega sairem por casamento ou maioridade, e ao passo que forem sahindo».

Um outro nome citamos, da ex.^{ma} sr.^a D. Maria José Pereira de La Roque, que no Pará tem conseguido um grande numero de subscriptores para o asylo, fazendo uma propaganda d'esta instituição com o mais desvellado interesse. Alma piedosa, que assim longe da Patria, contribue para o bem estar das creancinhas desamparadas.

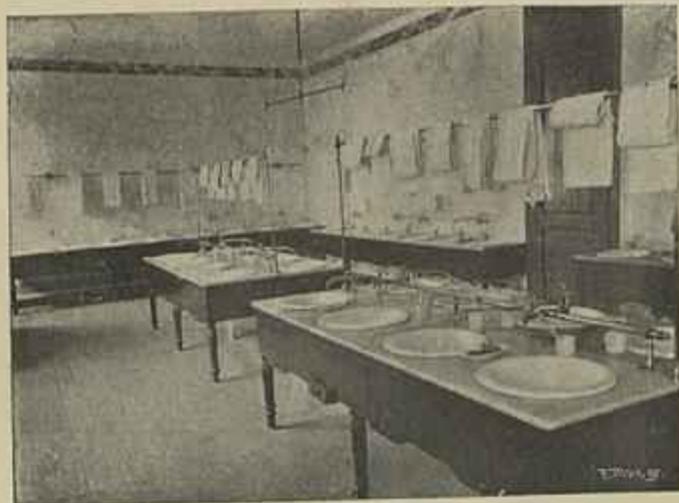
Mais um nome, Francisco Ottero y Salgado, que ama as creanças orphãs como se fossem suas filhas proprias, lembrando-se d'ellas nos dias de festas com aprimorados mimos. E ainda da emerita regente D. Julia da Conceição e Silva, cuja dedicação é inexcedível.

Um theatro, modesto, mas elegante, tem o asylo para recreio das alumnas, e tambem, digamos de instrucção. Alegam-se aquellas creanças, quebrando-se as agruras do trabalho, dá-lhes vida e desenvolvem-se as suas aptidões especiaes, caprichando todas no melhor desempenho dos seus papeis, recebendo, como premio, as palmas d'um auditorio amigo.

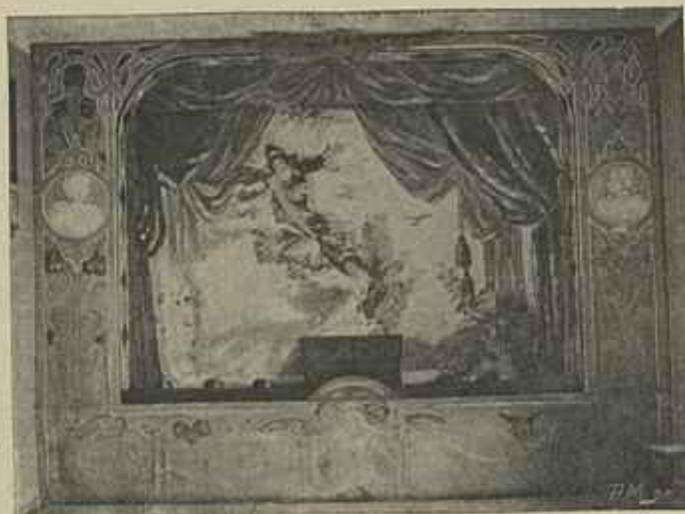
O asylo tem actualmente as seguintes officinas



O DORMITÓRIO



O LAVATÓRIO



O PROSCENIO DO THEATRO

e cujos resultados economicos se verificam no mappa especial: Estojos, chiquitos, lavrantes, ourivesaria, modista e florista.

O asylo tem admittido até hoje 123 alumnas, sahindo 70 com o ensino profissional completo. Muitas d'estas alumnas, senão todas, trabalham em suas casas, tendo assim conquistado os meios de subsistencia, n'uma independencia honrada.

Eis descripto rapidamente o que é o Asylo-officina Santo Antonio de Lisboa.

Tão levantado é nos seus fins, tão util em todos os seus tracejamentos, que a sua existencia de 13 annos representa umas paginas de amavel affecto, sendo uma eloquente lição para futuros emprehimentos».

COSTA GOODOLPHIM.

Collegio de Nossa Senhora das Dores

AS EDUCANDAS DA PRIMEIRA COMMUNHÃO

No magestoso templo da Estrella, realisou-se no dia 18 do corrente, a primeira communhão ás meninas da freguezia da Lapa, entrando n'esse numero as educandas do Collegio de Nossa Senhora das Dores, superiormente dirigido pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da Conceição Monteiro de Sousa Costa, a quem já tivemos occasião de nos referir n'esta revista, (1) tratando d'aquelle colle-

gio como uma das primeiras casas de educação de meninas, graças á alta competencia da sua directora, não só como educadora, mais ainda pelos dotes do seu coração bondoso, como mais uma vez veiu provar com a consoladora festa que deu agora no seu collegio.

O Sacramento da Eucaristia foi ministrado pelo Rev. Prior a 55 meninas e meninos, sendo do Collegio de Nossa Senhora das Dores as meninas Ophelia Santos Carvalho, Maria do Carmo Moura Garcez, Maria da Gloria Pereira, Delia Benites, Laura Valle, Silvina Figueiredo, Arminda Lisboa, Bertha Vieira, Bertha Torres, que são as que se vêem no primeiro plano da nossa gravura, e as restantes da freguezia da Lapa, assim como 10 meninos.

Terminada a cerimonia religiosa, retiraram todos os commungantes ao Collegio de Nossa Senhora das Dores, onde a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da Conceição Monteiro de Sousa Costa lhes offereceu um delicado almoço, assim como ao rev. parochio Domingos Manoel Fernandes Nogueira, assistindo o pessoal docente do Collegio e familias das educandas, notando-se em todos grande satisfação pela sympathica festa, altamente christã que ali se realisou.

Durante o almoço, um grupo de bandolinistas do collegio, dirigido pelo distincto professor Sr. Oliveira fez ouvir lindas musicas que mais alegria imprimiu aquella encantadora festa, tão gentilmente preparada pela Sr.^a D. Maria da Conceição Monteiro de Sousa Costa.

Depois de Waterloo—Na Ilha d'Aix

(Para Manoel de Macedo)

(Continuado do N.º 67)

Procuravam-se meios d'evasão pelas sahidas perigosas, mas a vigilancia ingleza era activissima. Uns camponios avisaram Maitland que o melhor piloto da ilha d'Aix recebera propostas vantajosas para pilotar um navio pelo estreito portinho de Maumusson, e esse ponto foi logo especialmente vigiado.

O capitão Poné, commandante da Medusa, mandou dizer a Napoleão que na seguinte noite atacaria o Bellerophon resistindo até á ultima, e que assim daria tempo á sahida da Saale. O capitão Philebert, commandante superior das duas fragatas, não ractificou esta proposta, dizendo que, como militar, não podia consentir na perda certa d'um dos navios confiados ao seu commando. Napoleão mandou agradecer ao capitão Poné a sua dedicação heroica.

O que é facto é que a Inglaterra enviando o capitão Maitland para as embocaduras do Charente não o fizera por acaso. Este official estivera na ultima guerra muita vez em serviço nas costas da França e conhecia as mais pequenas passagens por onde poderiam escapar-se as fragatas, e os navios da esquadra ingleza estavam collocados em tão boa disposição que podiam communicar entre si em poucos minutos, e todos os portos que tinham a observar estavam hermeticamente fechados.

Todavia, a 11 de julho, o general Lallemand ainda fôra por terra a Bordeaux para ver se o em-

(1) Vid. OCCIDENTE II.º 999 27.º e vol. 1904 pag. 67 e 69.

Congresso de leitaria, olivicultura e industria do azeite



DR. HUGO MASTBAUM

MANUEL DO CARMO RODRIGUES
MORAES

JOSÉ V. GONÇALVES DE SOUSA



EDUARDO PLACIDO

CONSELHEIRO JOSÉ ANTONIO D'OLIVEIRA
SOARES

ANTONIO MENDES D'ALMEIDA



DOMINGOS ALBERTO TAVARES DA SILVA



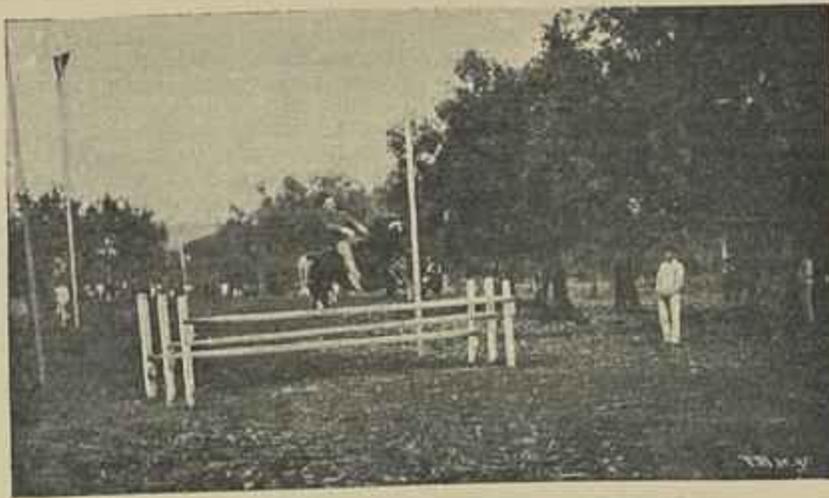
VIRGILIO A. BUGALHO PINTO



ADOLPHO A. BAPTISTA RAMIRES

Veja-se artigo a paginas 106, 107, 114 e 115 d'este volume.

A Exposição hyppica — Corridas de saltos



SALTO DE CAVALLO MONTADO PELO SR. JORGE BLECK

barque do imperador na Bayadère seria coisa possível.

No entanto novas instruções do governo chegavam. Exigia-se uma solução. O imperador desembarcou na ilha d'Aix onde foi recebido com entusiasmo, e alojou-se no quartellamento da engenharia militar, escolhendo o primeiro andar, porque tinha muitas saídas e porque da janella avistava a bahia dos Basques, onde os navios inimigos estavam ancorados.

O rei José, que vivia incognito desde 5 de julho em casa d'um armador de Bordeaux, na Tremblade, e ahí se conservou até ao momento de partir para os Estados Unidos, veio visitar Napoleão propondo-lhe partir tambem n'um navio americano estacionado em Bordeaux, tendo-lhe preparado uma carruagem para o conduzir pelas margens do Charente. Não foi accete a proposta, arriscada pela effectiva e rigorosa vigilancia que havia em terra. Pelo rei José soube o imperador da entrada em Paris de Luiz XVIII.

Tinha-se afinal convencido que o imperador aproveitaria a offerta de M. Besson o comman-

dante do navio dinamarquez, que se conservava junto á ilha de Ré. Na apparencia destinava-se a Kiel, mas devia receber o imperador de bordo das embarcações que o conduzissem e fazer-se ao largo.

Estavam tomadas todas as precauções, mas fosse por um mal entendido, ou por alguma nova traição, quando as sentinellas postadas na ilha d'Aix viram approximar as embarcações que vinham buscar o imperador, dispararam alguns tiros, que deram o alarme tornando a partida impossivel. Muitas embarcações da esquadra ingleza approximaram-se.

Parece que d'entre o sequito do imperador partiu a origem d'esses tiros. Todos estes amigos da ultima hora pensavam effectivamente no monarcha decaido, mas pensavam muito mais em si proprios. Todos caminhavam para o exilio, mas ninguém o suppunha captivo angustioso, e como só quatro pessoas podiam seguir Napoleão a bordo do navio dinamarquez, todos queriam ser esses predestinados. Alem d'isto havia mulheres que não queriam separar-se dos maridos deixando-os



SALTO DE CAVALLO MONTADO PELO ALFERES SR. ALMEIDA
(Instantaneos do sr. Alberto Lima)



COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DAS DORES — AS EDUCANDAS DA PRIMEIRA COMMUNHÃO
(Photographia do sr. Alberto Lima)

partir, e d'ahi questões que incommodavam o proscripto, o qual em vez de ordenar já obedecia.

O general Lallemand, que mostrava pelo imperador a mais sincera e previdente dedicação, voltára de Bordeaux e informou-o de que a Bayadère o esperava fielmente na Gironda, e que n'essas paragens parecia menos apertada a vigilância; varios navios americanos ancoravam proximo da corveta que estava bem armada, e o seu commandante, o capitão Baudir protestava que conduziria o imperador até ao fim do mundo.

Bastava arriscar-se ao trajecto d'umas vinte leguas, metade por terra metade por mar, e como a Bayadère e os navios americanos saíam do porto ao mesmo tempo, protegendo-se mutuamente, havia bastantes probabilidades d'exitto. Apesar de toda a dedicação que o general Lallemand mostrava por Napoleão, propondo-lhe até acompanhá-lo passando por seu creado, servindo-o mesmo, o proscripto imperador, não mostrava ter confiança n'elle. Toda a gente que cercava Napoleão aconselhava a submeter-se á Inglaterra, só Lallemand o dissuadia de se confiar á lealdade ingleza, e insistia porque aceitasse qualquer meio de salvação que se lhe offerecesse.

Ainda um novo projecto esteve quasi acceite. O tenente de marinha Genty, dois guardas-marinhas e dois aspirantes offereceram ao imperador vestir-se de marinheiros e em duas chalupas, que estavam na bahia, conduzi-lo ao longo da costa até á Rochella e d'ahi para o mar largo, onde acompanhado por Bertrand, Savary, Gourmand, encontraria o navio dinamarquez.

Os companheiros de Napoleão insistem porém em que se confie á Inglaterra, Gourmand diz-lhe que é o mais nobre partido a tomar, pois que não lhe convém um papel d'aventureiro.

A 13 de julho o imperador vendo a bandeira branca arvorada em todas as torres, da Rochella á ilha d'Oleron, comprehendeu que chegava o momento de tomar uma resolução definitiva.

Convençiou-se enviar n'essa noite Lallemand e Las Casas como parlamentarios aos navios inglezes, e, enquanto elles conferenciavam, Napoleão embarcar nas chalupas que deviam conduzi-lo quarenta leguas ao largo para o barco dinamarquez. As 11 horas Becker veio dizer-lhe que tudo estava prompto, mas no momento da partida, já nas escadas, as scenas habituaes se repetiram: todos queriam acompanhá-lo, queixaram-se de serem sacrificados uns aos outros, e n'este momento supremo de salvação, egoismos, vaidades, fraquezas e lagrimas de mulheres, levantavam um obstaculo importuno á realisação d'este derradeiro projecto. No fundo aquella gente só pensava n'uma cousa — na Inglaterra, á excepção de Lallemand todos diziam: *'Porque não irá para a Inglaterra?'*

«Assim o quereis? disse Napoleão, pois bem iremos para a Inglaterra». Agradeceu aos officiaes que queriam sacrificar-se por elle e resolveu definitivamente confiar-se aos inglezes.

(Continúa)

RIBEIRO ARTHUR

A natureza e seus phenomenos

PARTE III

CALORICO

CAPITULO II

MUDANÇA DE ESTADO DOS CORPOS

I—Fusão

A passagem d'um corpo do estado solido ao estado liquido, pela acção do calor, chama-se fusão.

Nem todos os corpos se fundem; alguns ha que, a altas temperaturas se decompõem, sem se fundirem (carbonato de calcio, cellulose), outros que antes de se produzir o phenomeno da fusão, tornam-se viscosos, como succede no vidro, na resina, no sílex, etc. Este phenomeno denomina-se *fusão vítrea*, por ser, sobretudo no vidro, que esta mais se manifesta. Se a pressão fór constante, um corpo fundirá sempre á mesma temperatura a qual conservar-se-ha durante o tempo que durar o phenomeno, sendo o calor que é ministrado a esse corpo empregado no trabalho mechanico da sua mudança de estado. O numero de calorías necessarias para que um kilogramma de um

solido passe ao estado liquido, á temperatura de fusão, é o que se chama *calor latente de fusão*.

Cada substancia funde a temperatura diversa. Assim o mercurio funde a 40°, o gelo a 0°, a manteiga a 30°, o chumbo a 332°, o zinco a 1000°, e a platina a 2000°. As substancias que se fundem a altas temperaturas denominam-se *refractarias*.

Se um corpo passa do estado solido ao estado liquido, sem o auxilio do calor, o phenomeno toma o nome de *dissociação*.

Na dissociação, não ha temperatura fixa para a produção do phenomeno; porém, existe, como na fusão, absorpção de calor.

A causa da dissociação é a afinidade entre as moleculas dos dois corpos. Por esse facto, o asucar e a gomma arabica dissolvem-se na agua a frio. Pelo mesmo motivo, alguns metaes dissolvem-se no mercurio.

Os corpos mais dissolventes são: a agua, alcool, ether, e sulphureto de carboneo.

O liquido diz-se *saturado*, quando não pôde dissolver maior porção de solido á temperatura a que se encontra. Augmentando a temperatura, augmenta igualmente o poder de *dissociação*. Exceptua-se d'esta regra, além de outras substancias, o salgemma dissolvendo-se na agua.

Se da mistura de solidos e liquidos resultar resfriamento, obtém-se as *misturas frigorificas*. A mistura mais geralmente usada para fazer sorvetes é a combinação do gelo com o sal commum, combinação pela qual obtemos um abaixamento de temperatura correspondente a 20°, ou ainda a mistura de partes eguaes de agua e nitrato de ammoniaco.

II—Solidificação

Solidificação é a passagem de um corpo do estado liquido para o estado solido.

Como na fusão, reconhece-se que n'estes phenomenos:

1.º Um corpo solidifica sempre á mesma temperatura.

2.º A temperatura conserva-se constante, enquanto dura o phenomeno. Um corpo solidificando diminui, em geral de volume. Faz excepção a esta regra a agua, a qual, baixando-se a temperatura a 0°, solidifica, augmentando de volume.

Enchendo de agua uma esphera metálica, e fazendo-a gelar, a esphera rebenta pelo augmento de volume que a agua soffreu. O ferro, o bismutho, o antimónio, etc., augmentam igualmente de volume pela solidificação.

Retarda a solidificação dos liquidos, as substancias que esses liquidos tenham em dissolução. A agua salgada, por exemplo, gela apenas a 2°, e não a 0°.

As figuras geometricas provenientes dos corpos solidificando-se, são os *crystaes*. A neve, por exemplo, crystallisa em hexaedros regulares.

A produção dos *crystaes* é a *crystallisação*.

Os *crystaes* de fórmulas homologas dizem-se de *fôrma simples*, e os de fórmulas especiaes diferentes, dizem-se de *fôrmas derivadas*.

O phenomeno que se observa comprimindo dois fragmentos de gelo um contra outro, chama-se *regelacão*. Formar-se-ha uma massa unica, resultante da combinação mutua entre os dois fragmentos. Os phenomenos que se observam quando os liquidos, em certas circumstancias, se encontram abaixo do seu ponto de solidificação, é a *sobre-fusão*. Assim, se lentamente baixamos a temperatura da agua destillada, conservando o liquido em repouso, podemos obter a temperatura de 12°. O phenomeno tambem se realisa, quando os liquidos se encontrem em vasos capillares, se estes forem molhados pelos liquidos. D'aqui o facto das plantas resistirem a grandes frios, visto os tecidos serem compostos de canaes muito estreitos e os liquidos, n'esses canaes não congelarem, embora a temperatura do ambiente esteja abaixo do ponto de solidificação.

III—Vaporisação

A passagem de um corpo, do estado liquido a vapor é a *vaporisação*. Os corpos que se vaporizam facilmente, chamam-se *volateis*, em opposição aos outros que se denominam *fixos*. No primeiro caso estão a agua, o alcool, etc.; e no segundo os oleos.

Muitos corpos fixos decompõem-se, quando muito aquecidos, antes de passarem ao estado de vapor.

Alguns corpos emittem vapores, á temperatura ordinaria, como a camphora, oleos aromaticos, etc.; outros passam ao estado de vapor, quando aquecidos. Quasi todos os vapores são incolores e transparentes. Ha poucos liquidos corados que produzam vapores corados.

Os vapores, teem, como os gazes, grande tendencia a expandirem-se. E' o que se chama a sua *força elastica*.

Ha, porém, um limite a partir do qual, n'um dado espaço, cessa a produção do calor. Diz-se então, que o espaço está saturado de vapor, ou o vapor chegou ao estado de saturação. A tensão do vapor, n'esse momento, é maxima. Elevando a temperatura, augmenta a tensão.

Os vapores não saturados obedecem á lei de Mariotte, já mencionada quando nos occupámos dos liquidos: *Os volumes dos gazes estão na razão inversa das pressões que soffrem*.

Vamos, agora, estudar nos vapores, as tres circumstancias em que estes se produzem:

1.º Os vapores formam-se instantaneamente no vacuo.

2.º Os vapores formam-se lentamente, em qualquer temperatura, nos gazes (vaporisação).

3.º Os vapores formam-se rapidamente, nos mesmos gazes, a uma temperatura fixa, sob forma de bolhas que rebentam á superficie dos liquidos (ebullição).

A passagem de um liquido a vapor pôde ser feita, ou por aquecimento, ou por diminuição de pressão. Introduzindo um vaso com agua, n'um recipiente de uma machina pneumática e rarefazendo o ar, o liquido ferve com produção de vapores. Com qualquer outro liquido, observamos egual phenomeno, o que demonstra a primeira circumstancia citada.

Evaporação. Um liquido em presença do ar, evapora-se, seja qual fór a sua temperatura. Para cada corpo, ha, no emtanto, uma temperatura a partir da qual, o phenomeno cessa. O acido sulphurico a 30°, por exemplo, deixa de produzir vapores.

O tempo que um liquido gasta em evaporar-se depende, entre outras causas, de ser mais ou menos volátil.

Facilitam a evaporação:

1.º O *augmento de temperatura*, porque augmentando a tensão do vapor, esta vence mais facilmente a pressão do ambiente. E' essa a razão porque as plantas á sombra, se conservam mais vicosas do que ao sol.

2.º A *quantidade de vapor existente na atmosphera*. Se o espaço estivesse saturado de vapor, a evaporação seria nulla.

3.º A *renovação d'essa atmosphera*, porque substitue o ambiente saturado, por outro. Por esse facto, quando achamos quente, uma chavena de chá ou de café, mechamol-a com uma colher, afim de renovar a atmosphera gazosa que a envolve.

4.º A *extensão da superficie de evaporação*. Quanto maior fór a superficie de evaporação, mais rapida será esta. Pretendendo arrefecer rapidamente uma chavena de chá ou café, deitamos o seu contheudo n'um pires ou um prato, augmentando, d'esta fórma, a extensão da superficie de evaporação do liquido.

(Continúa).

ANTONIO A. O. MACHADO.

LITERATURA RUSSIANA

O TENENTE JERGUNOFF

POR

IVAN TURGENJEW

V

Kusma Wassiljéwitsch, em sua vida, pouco ou nada tinha lidado com o bello sexo e por esse facto estava perplexo quanto ao modo de encetar o colloquio; a dama, comtudo, não tardou em quebrar o silencio com grande verbosidade, ao passo que ia limpando as lagrimas que ainda não tinham cessado de vir inundar-lhe as faces.

D'ali a minutos, já sabia o nosso tenente que se chamava Emilia Karlowna, que nascera em Riga, e que se achava em Nicolajeff de visita a uma sua tia, que era tambem oriunda de Riga, que o pae fóra militar, mas que succumbira á tísica; que estivera a servir em casa da tia uma cozinheira russiana, — que cozinhava muito bem e com extraordinaria economia, mas que não apresentára a devida licença, e que esta mesma cozinheira, naquella mesmo dia, as havia roubado, fugindo em seguida, circumstancia que obrigára a joven a ir dar parte á policia... Mas n'este ponto voltou a

lembrar-se da insolencia com que a havia tratado o inspector da policia, e pegou de novo a sollucar... E Kusma Wassiljéwitsch cada vez mais enleado, sem encontrar palavras de consolação que lhe dirigisse; a joven, contudo, em quem toda e qualquer impressão se desvanecia com a mesma rapidez com que a assaltava, parou de repente, estendeu a mão como quem aponta para qualquer coisa, e em voz serena, proferiu:

«E' ali a nossa casa».

VI

Consistia a dita casa em uma construcção modestissima, com quatro janelinhas, abrindo para a rua. Lá dentro entrevia-se a verdura de um pé de geranios, e através de uma janella a luz tenue de uma vela: principiára já a escurecer.

Em frente da casa prolongava-se um tapume, com uma porta apenas perceptível; era quasi tão alto como a casa.

A joven encaminhou-se para a porta. Como a encontrasse fechada, poz-se a bater com a pesada argola da enferrujada fechadura.

Sentiram-se uns passos pesados por detrás do tapume; dir-se-ia vir alguém com todo o vagar a arrastar os chinelos, e uma voz roufenha e feminina perguntou fosse o que fosse em alemão, que Kusma Wassiljéwitsch não percebeu. Como bom marinheiro intendia apenas a lingua russiana.

A joven respondeu também em allemão.

Descerrou-se a meio a porta e, depois de haver entrado a joven fechou-se desde logo na cara de Kusma Wassiljéwitsch; este, não obstante, tivera occasião de distinguir, por entre a meia escuridão crepuscular, o vulto de uma mulher de idade, vestida de vermelho e portadora de uma lanterna de furta fogo.

Kusma Wassiljéwitsch, tomado de surpresa, parou estatico na rua; mas o pensamento de o haverem tratado a elle, um official, com semelhante incivildade, (Kusma Wassiljéwitsch tinha em muitissima conta a sua patente de militar) escandalizou-o immensamente, e dando meia volta á esquerda, rompeu por ali fóra.

Mas, ainda bem não teria andado uns dez passos, eis que volta a abrir-se a portinha, e a joven, que n'este intervallo tivera tempo de segredar qual-quer coisa ao ouvido da velha, reapareceu no limiar, e chamou-o:

— Mas aonde vae, senhor official? Então, faça favor de entrar!

Kusma Wassiljéwitsch hesitou um instante; mas voltou atrás.

VII

O seu conhecimento recente, a quem passaremos a chamar Emilia, guiou-o através de um aposento escuro e humido, até uma sala relativamente espaçosa, baixa porém de tecto e de mediocre aceio, ao fundo da qual havia um sofá forrado de coiro e um grande armario. Por cima das portas pendiam, muito fóra da perpendicular, os retratos de dois arcebispos, de mitra na cabeça, e o de um turco com o pequeno turbante. A um canto amontoavam-se caixas de chapéu e bnhús, sobre uma mesa de jogo, com os pés mancos e cercada por cadeiras estropeadas, divisava-se um barrete de homem e um copo de *gwass*, meio esvasiado. A velha do vestido vermelho, que Kusma Wassiljéwitsch vira abrir a porta, seguiu atrás d'elles até á sala. Era uma judia não devendo nada á formosura, com uns olhinhos suinos nada atrahentes e uma bigodeira grizalha a enfeitar-lhe o inchado beijo superior.

Emilia apresentou-a com o gesto a Kusma Wassiljéwitsch, dizendo:

— E' madame Fritsche, minha tia.

Kusma Wassiljéwitsch não logrou conter o seu espanto, julgou porém que era seu dever o dirigir-lhe meia duzia de palavras. Madame Fritsche, mirou-o de revez, sem lhe dar resposta, e perguntou á sobrinha, em lingua russiana, se não queria tomar chá.

— Queremos chá, sim! Pois então!

— Toma uma chavena de chá, não é verdade, senhor official? Dê-nos chá, tia, faça favor!... Mas está de pé? Porque se não senta, senhor official? Não sei para que ha-de estar com tantas ceremonias! Com licença, vou tirar o meu chale.

Emilia enquanto falava, bamboava a cabeça para um e outro lado, sacudindo os hombros de quando em quando. Tal qual se sacodem os passaritos, quando empoleirados lá no mais alto de uma ramada, apanham o seu banho de sol.

Kusma Wassiljéwitsch sentou-se n'uma cadeira, e assumindo modos da maxima compostura, isto é puxando para a frente o espadim e sem desfitar os olhos do tampo da mesa, encaminhou a con-

versa para o caso do roubo. Emilia, porém, cortou-lhe a palavra.

— Não lhe dê cuidado; não tem importancia; a tia contou-me, agora mesmo, que foram encontrados os objectos de maior valor.

Dama Fritsche resmoneou qualquer coisa por detrás da bigodeira e abalou.

— Nem havia necessidade de prevenir a policia; mas que quer, se eu não posso ter mão n'este meu genio!... Eu cá sou assim!... Entende allemão?... coração ao pé da bocca! Mas nem penso já em semelhante coisa... o que lá vae, lá vae!

Kusma Wassiljéwitsch ergueu os olhos para Emilia. Effectivamente o semblante da joven voltára a assumir a sua expressão usual de absoluta despreoccupação. Tudo era riso n'aquella encantadora physionomia; os olhos, velados pelas loiras pestanas, os labios, as faces, a covinha da barba, a propria pontinha do nariz arrebitado.

Foi-se ao espelho dependurado ao lado do armario, e com um zum-zum cantarolado entrou a mirar-se e a compôr o cabello...

Kusma Wassiljéwitsch seguia-lhe atento os movimentos.

Agradava-lhe deveras!...

(Continua).

M. MACEDO.

ERRATA

No artigo do n.º 953 sobre Villa Nova de Tazem, onde se lê a paginas 132, 1.ª columna, linha 30: *Villa Nova de Tazem é de relativa moderna fundação*, deve ler-se: *é de moderna fundação*. 2.ª columna linha 27.ª, mesma pagina onde se lê: *Devido a magnificencia*, deve ler-se: *devido a munificencia*. Pag. 134, 1.ª columna, linha 22, onde se lê: *e de molde a socegal-os*, deve ler-se: *e de molde a soerguel-os*.

NECROLOGIA

CONSELHEIRO MIGUEL DANTAS

Com o conselheiro Miguel Dantas Gonçalves Pereira falleceu um dos homens de mais rasgada e proficua energia que nos ultimos tempos teem lidado pelo bem estar do paiz e muito especialmente da sua terra natal.

Entre os serviços que, depois d'uma vida considerada d'arduo trabalho intelligente e util no Rio de Janeiro, esteve incessantemente, durante mais de 30 annos, prestando á causa publica, avulta a construcção e exploração do primeiro caminho de ferro português d'emprehendimento

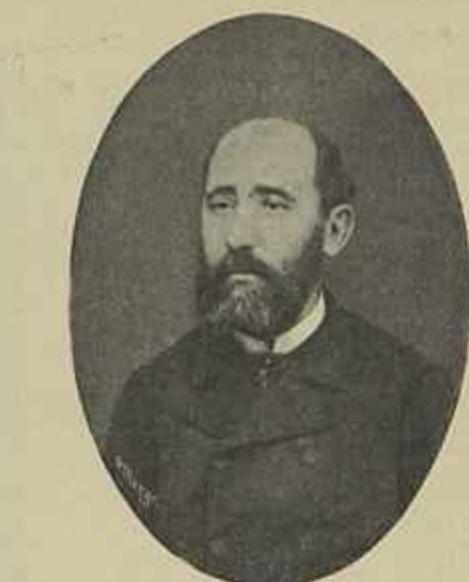


FABRICA DE LACTICINIOS EM PAREDES DE COURA, FUNDADA PELO CONSELHEIRO MIGUEL DANTAS

particular, o caminho de ferro do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicao, que principalmente se deve á sua larga iniciativa e infatigavel perseverança, e ao qual sacrificou uma parte importante da sua fortuna.

Foi elle que convidou Oliveira Martins para a direcção d'esse caminho de ferro, aproveitando assim as grandes faculdades d'esse homem eminente, mas assegurando-lhe ao mesmo tempo uma situação economica, em que lhe foi usado entregar-se desafogadamente ás suas gloriosas lucubrações historico-sociaes.

A dedicacão com que, dia a dia, como presidente da camara municipal e como deputado e par do reino, se votou ao engrandecimento da



CONSELHEIRO MIGUEL DANTAS

sua terra natal, já promovido também por seu pae, Bento Gonçalves Pereira, que lhe legara o exemplo na presidencia da vereação camararia de Paredes de Coura, foi verdadeiramente extraordinaria e admiravel. Graças ao seu amavel e pertinaz esforço, que nenhum obstaculo abatia, ella transformou-se completamente e fez-se o que hoje é.

Levantaram-se os edificios da camara, administração e tribunal e do hospital, abriram-se praças e ruas, crearam-se e construíram-se escolas, rasgaram-se estradas, e a villa de Paredes de Coura ampliou-se e aformoseou-se e o sertanejo concelho poz-se em estreita communicacão, material e espirital com todos os centros de vida e de trabalho da nação.

Alem d'isto, fundou na sua propria freguezia do Formariz, sobre o rio Coura, defronte da antiga casa da sua familia, uma fabrica de lacticinios, cujos productos em breve se tornaram famosos, associando ao seu commetimento a lavoura regional, do concelho e ainda dos concelhos limitrophes, sobre a qual espalhou desde então, pela compra diaria do leite de vacca centenares de contos de réis, que muito contribuíram para a prosperidade d'aquelles povos. E, quando apesar de tudo, a crise agricola sobreveio, como nomeadamente em 1893 e em 1902, que o milho escasseou nos mercados locais ao ponto de exceder os recursos das familias menos abastadas, e a fome ameaçava os seus compatriotas, elle acudia-lhes desveladamente, com grande desembolso e dispendio seu, mandando distribuir o milho por um preço accessivel a todos.

Foi um cidadão benemerito, cujo passamento não feriu só profundamente o coração da familia que elle tanto amava, mas que foi justamente chorado pelos milhares de pessoas, homens, mulheres e creanças, que acompanharam o seu feretro á ultima morada, e que por toda a parte do paiz foi deversas sentido pelos seus numerosos amigos, pelos seus correligionarios e mesmo pelos seus adversarios que tinham na maior estima o seu nobre e generoso character.

O conselheiro Miguel Dantas que falleceu em Lisboa no dia 8 do corrente, foi seu corpo conduzido no dia 10 para Paredes de Coura, sua terra natal, onde lhe prestaram todas as honras funebres, com grande sentimento d'aquelles povos.

POLYCARPO ANJOS

A morte é sempre uma surpresa porque é coisa que mal se espera e a que não se faz recepção, mas essa surpresa é tanto maior quanto menos preparado se está para ella, como agora aconteceu com a morte do sr. Polycarpo Anjos.

Apenas um ligeiro incommodo de-tendo-o em casa, o retirára havia alguns dias do convívio da sociedade onde elle era uma das figuras mais sympathicas, um dos homens mais estimados pelo primor de seu caracter e bondoso coração, sempre prompto a valer a todos os infortunios, quer com a bolsa, quer com o seu valimento, interessando-se pelos que a elle recorriam para lhes arranjar um meio de vida, uma posição.

Nesses poucos dias de retiro na sua casa d'Algés, entre os carinhos da esposa e dos filhos, que todos sempre o rodeavam, se finou o sr. Polycarpo Anjos no dia 23 do corrente, e se cobriu de luto uma numerosa familia trespassada pela mais cruciante dor.

Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos, nasceu em Lisboa a 3 de fevereiro de 1846, filho de Flamiano José Lopes dos Anjos e de D. Leonor Magdalena Pecquet dos Anjos. Foi educado em Inglaterra e ali illustrou a sua natural intelligencia e formou seu espirito para a vida activa commercial que seguiu, succedendo a seu pae, um dos mais conceituados negociantes da praça de Lisboa, na gerencia da casa que este fundára sob a firma Anjos & C.

Ao commercio dedicou sua intelligencia e actividade, e, seguindo as honrosas tradições de seu pae, não só desenvolveu consideravelmente o movimento da sua casa commercial, mas prestou o seu concurso a muitas empresas importantes commerciaes e bancarias, nas quaes assignalou seus relevantes serviços.



POLYCARPO ANJOS

Com o seu trabalho intelligente e activo augmentou o patrimonio herdado e adquiriu sua alta posição na sociedade onde se nobilitou, por suas qualidades apreciaveis que o tornaram que-

rido e respeitado. Nas questões commerciaes, o seu conselho era sempre ouvido como o de quem tinha a experiencia e o bom criterio.

Na politica tambem figurou, como vereador do municipio de Lisboa, deputado ás côrtes e ha poucos annos elevado a par do reino, tendo sempre militado no partido regenerador.

Fez parte de commissões da Associação Commercial de Lisboa e do estudo de assumptos commerciaes e aduanciros; membro do conselho fiscal do Banco Lisboa e Açores; thesoureiro do Instituto de Soccorros a Naufragos; vogal da Assistencia Nacional aos Tuberculosos; director dos Albergues Nocturnos de Lisboa, etc.

Pretencia á Sociedade de Geographia, e em todas estas corporações foi prestante e fez sentir sua falta.

De quanto o sr. Polycarpo Anjos era querido e estimado foi evidente prova o seu sahimento da casa de Miramar, em que se encorporou tudo que de mais elevado e distincto ha na alta finança, na politica, no commercio e nas artes, constituindo um imponente acompanhamento e uma grande manifestação de pezar que em todos os rostos se podia ver.

Era um espirito moderno, finalmente educado, amante do progresso e do bello, reunindo na sua casa da Avenida, onde dava deslumbrantes festas, verdadeiras preciosidades artisticas, que o seu bom gosto e os seus abastados meios lhes permittiram adquirir.

Estamos certos que o sr. Polycarpo Anjos deixará dignos continuadores da sua obra em seus filhos Fernando e Henrique o que será uma honra para a sua memoria e ao mesmo tempo uma consolação.

A toda a enlutada familia enviamos a expressão de nossos sentidos pezames

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 44, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

Atelier Photographique, FRAGA

Largo da Beogaia, 4 — 66, Rua Serpa Pinto — LISBOA

SUCESSEUR DE MARTINEZ

Travaux photographiques en tous genres; depuis médaillon jusqu'à grandeur naturelle; par les procédés instantanés les plus récents, donnant les meilleurs résultats par les enfants et tous les sujets animés. Poses et effets de lumière artistiques. Spécialité de la Maison *Platinotype & Chromotype*. Archives de 30.000 clichés qui peuvent être reproduits en indiquant l'année et le mois de la pose.

Travaux à domicile. — On parle Français, Anglais & Espagnol

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobílias e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

PHOTOGRAPHIAS

A Redacção d'O OCCIDENTE acceta photographias de todos os assumptos de interesse e de actualidade, tanto de Portugal como do Estrangeiro, as quaes serão publicadas, vindo acompanhadas das indicações indispensaveis para o respectivo artigo.

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida



LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

CORRESPONDENTES

A Empresa d'O OCCIDENTE acceta propostas para as terras aonde os não tem.

Dirigir cartas ao administrador da Empresa.

Rodrigo A da Silva

Largo do Poço Novo — LISBOA